



REDACÇÃO PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Tropicção da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR—JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração—Calçada do Cambro, 28-A, 2.º

Lisboa—PORTUGAL

Ext. tel. 241—Jabon • Telefone 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O fracasso da intervenção

Tivemos há duas semanas mais uma das cambiantes manifestações daquela política aos bordos em que se celebrizou Lloyd George, «imperialista ferrenho com modos de clergymen embriagado», segundo a definição de Trótski.

Em 16 de Janeiro, perante o Supremo Conselho de Paris, o primeiro ministro inglês classificava de loucura a simples ideia de esmagar o bolchevismo pela força militar, e de desumanidade o bloqueio de cento e cinquenta milhões de criaturas de ambos os sexos e de todas as idades—bloqueio que para ele era, não o «cordão sanitário», mas o «cordão da morte». Só havia um meio: chamar aquela gente a Paris para prestar contas dos seus actos.

Agora, confessando sem regozijo o fracasso da intervenção e a impotência da contra-revolução russa, Lloyd George retoma aquela atitude. «O bolchevismo, com as suas perigosas doutrinas, não pode ser suprimido pela espada». Desde o armistício, foi a contra-revolução socorrida com cem milhões de libras, em dinheiro e em material: ora, não é possível persistir em tão dispendiosa generosidade, a lançar na conta de lucros e perdas.

E depois, a Rússia é o país das surpresas: nada se pode prever a seu respeito. E também um atoleiro—o atoleiro em que se enterrou o imperialismo napoleónico, aonde os exércitos do Kaiser foram buscar os miasmas revolucionários. Lloyd George vê o perigo: «As tropas estão fora da Rússia. Francamente, estou contente. A Rússia é um arial movido. Facilmente se ganham lá vitórias, mas a gente afunda-se em vitórias, e grandes exércitos e grandes impérios do passado se submergiram nas areias de triunfos estêreis. A Rússia é um país em que é perigoso intervir. Experimentámo-lo na Crimeia. Mas fiéis ao instinto que sempre nos salvou, nunca nos afastámos do mar, e lá pudemos desenvolver-nos».

Agora, o astuto político procura levar a burguesia inglesa a desenvolver-se pelo mau passo. E preciso pôr termo à guerra em metade da Europa e em quase metade da Ásia: sem a Rússia pacificada não podemos ter paz alguma—teremos antes a revolução, que é o fim da prosperidade do mundo».

Não é, pois, por ternura ou complacência para com os bolcheviques que o chefe do governo britânico fala aos representantes da burguesia insular. Ele fala, aliás, todas as precauções oratórias, sempre recoso das potências financeiras e jornalísticas, das arremetidas de Northcliffe e das intrigas de Churchill. Não, dos cem milhões gastos na Rússia, «nem um só vintém é lamentado».

O que se fez foi para habilitar os filhos da Rússia aliada a manterem-se e a libertarem-se pelo seu próprio esforço... E ao dizer isto, Lloyd George nem prestesceja. Os testemunhos insuspeitos sobre a opinião da imensa maioria da população russa, favorável ao bolchevismo, e sobretudo contrária aos aventureiros tsaristas, e os contínuos fracassos destes, apesar de largamente multiplicados e abastecidos por todas as oligarquias dominantes, nada disso conta a imperturbável desfaçateza destes supremos regedores de povos!

E Lloyd George fala em «traição». Acusa os bolcheviques de terem traído

os Aliados! Os bolcheviques, que eram contra os todos imperialismos e que deram o mais alto exemplo de fidelidade aos princípios sempre professados e às promessas sempre formuladas! Traidores teriam eles sido, bandando-se com um dos imperialismos em luta, falando aos compromissos sagrados que o socialismo assumira perante o povo trabalhador, perante a humanidade. E então não teriam feito, não teriam iniciado uma revolução: teriam dado um assalto.

E quem ousa falar em traição? Aqueles que tudo traíram—princípios e promessas—quando a vitória lhes entregou nas mãos o senhorio do mundo!

Que é feito do «tipo único de direito para todos os povos», após uma paz em que subsiste a doutrina de Monroe para uns e para outros o intervencionismo brutal, em que uns estados continuam a ter colónias e outros são delas privados, em que todas as coacções são exercidas sobre os vencidos e sobre os povos em revolução?

Que é feito da «justa e definitiva solução dos problemas nacionais e do direito de auto-decisão dos povos», numa Europa em que a Áustria é impedida de se juntar à Alemanha, a bacia do Sarre é dada à França, a Rússia e a Hungria são invadidas e violentadas, e sete milhões de estrangeiros não consultados nem ouvidos, são anexados a cinco Estados, como disse, no parlamento de Roma, o ministro Tittóni?

Que é feito da «liberdade dos mares», cada vez mais disputados pelas grandes potências marítimas, numa nova porfia de armamentos navais?

Que é feito da extinção da diplomacia secreta e do sistema das alianças, fora da grande família universal que havia de ser a Liga das Nações, num mundo em que tudo é regulado em conciliábulo e intrigas obscuras, em que há povos votados ao ostracismo e impere a nova tríplice anglo-franco-americana?

Que é feito da paz estável e duradoura, da paz completa e sem questões litigiosas, num arranjo internacional em que se multiplicaram os irredentismos e as Alsácias-Lorenas, que hoje se chamam Sarre, Dantzig, os Sudetos, Teschen, o Banato da Temesvar, Xantung?

Mas os grandes da terra falam de traição bolchevista, com a mesma tranquilidade de espírito com que, referindo-se à moderada violência imposta aos Soviéticos pelos seus inimigos, acusam o novo regime de «trama sangrenta»—após a sangrenta tirania que fez marchar os povos para o matadouro onde foram abatidos sete milhões de homens no vigor da idade, e quando lhes merecem todas as simpatias e todos os apoios as bestas-feras sanguessugas que, na Alemanha e na Hungria, na Finlândia e na Polónia, na Rússia Meridional e na Sibéria, fuzilam os prisioneiros, dizimam as populações e afogam em sangue o mais ligeiro protesto—fazendo cem vezes mais vítimas do que o Terror Vermelho.

Lloyd George não fala, pois, em nome da liberdade nem da humanidade. O que ele aconselha é «recoer a outros métodos para restabelecer a paz e o bom governo naquele desgraçado país». Porventura, pretende obter, por brandos meios, que a Revolução se suicide, trocando a escandalosa forma social, victima da ditadura democrática.

Tudo depende agora do esforço e da perspicácia do proletariado consciente.

Que eu não creio que o mundo now em marcha possa, já agora, ser detido.

Neno VASCO

A POPULAÇÃO DE LISBOA

Contra os senhores gananciosos!

Não pode o povo de Lisboa conservar-se alheio às manifestações de protesto que a União dos Sindicatos Operários, como legítima representante do proletariado organizado, vem levando a efeito contra os sordidos senhores que, sofismando a lei do inquilinato, estão, com a aquiescência, senão com a cumplicidade do governo e das autoridades, elevando desmesuradamente a renda das casas, ao mesmo tempo que a Associação dos Proprietários prepara terreno para que aquela lei seja modificada de molde a permitir aos senhores uma extorção maior sobre a população da capital.

Os protestos individuais não tem valor algum. O que vale, o que fazenda são as manifestações colectivas e estas fazem-se, primeiro, acorrendo a população de Lisboa às sessões de protesto que se estão realizando nas associações operárias, e, depois, indo em massa ao grande comício público.

Quem se deixa ficar em casa não tem autoridade moral para queixar-se.

Sessão pública: às 21 horas, na sede da Associação dos Alfaiates, Rua dos Fanqueiros, 300, 2.º

Os camponeses movimentam-se

Está convocado o IV Congresso da Federação dos Trabalhadores Rurais

Por deliberação do Conselho daquele organismo federativo, estou convocado o IV Congresso dos Camponeses, para os dias 14 e 15 de Março de 1920, congresso em que se debaterão não só as questões que mais directamente interessam aos trabalhadores da terra, mas ainda as que se prendem com o movimento operário em geral. Na circular convocatória dessa importante assembleia, diz a comissão administrativa da Federação dos Trabalhadores Rurais:

Somos a classe mais numerosa do país, e nós, os Trabalhadores Rurais, que sofremos os horrores do inverno, levando a terra e semando o pão para depois no verão, o ceifarmos, carregamos para a eira e debulhamos para a fiação e se almejam os frutos da terra, não nos dá o homem mais de cumprimento, para guardar o gado que enriquece o lavrador e alimenta, veste e calça a Humanidade inteira. Trabalho, e toda esta Humanidade, em especial as suas camadas sociais, vota a classe Rural ao desprezo, ao esquecimento, ao abandono, como uma coisa monca na Sociedade.

Pois os senhores da riqueza e do governo devem começar a saber que os rurais são alguma coisa mais do que farrapos esquecidos ou desprezados e se esta Federação assim fala é porque sendo esta classe a que tem o principal papel na Sociedade, que é a alimentação, pois que se os Trabalhadores rurais cruzassem os braços, não haveria morreria de fome, e sendo esta classe a que está sujeita a mais perigos devido ao exercício violentosíssimo do trabalho que desempenha, atendendo a tudo isso e tanto que fica por dizer, ainda governo algum se lembrou de nós. A prova!—está a última lei que concede ao comércio e à indústria o dia de 8 horas de trabalho. Não se lembraram os senhores que fizeram e aprovaram esse projecto, que se nesse dia tirassem a mão da classe Rural? Não se lembraram que se estavam vestidos e calçados confortavelmente, o deviam os Trabalhadores rurais que exclamam da sua miséria: «Não sou eu quem não me lembrei de mim, mas a classe Rural que não se lembrou de mim».

Pois, os senhores governantes não se lembraram de nada disso!

Não uma vez que eles não se lembraram de nós, temos que lhes despertar a atenção, porque temos direitos adquiridos para autêntica luta, e não nos podemos deixar enganar a ser a eterna besta de carga, o escravo esquecido nas trevas da miséria. Não, nós não nos deixamos enganar e subamos o que queremos; portanto, camaradas, está provado bem a evidência que estamos no rol dos esquecidos, tanto assim que quasi dois milhões de nós, desprotegidos e sem resilição, o nosso III Congresso tendo imediatamente uma comissão de congressistas entregado ao ministro as reclamações da classe, e de envio para os seus superiores, e os seus superiores, não tendo feito mais do que mais inferiores e muito mais prejudiciais a nós, e as nossas no eterno esquecimento ou ao casto dos papéis velhos...

Esta Federação, sabendo o alto papel que tem a sua classe, apressa-se a pôr a situação da classe Rural e vendo que ela é a mais desgraçada de todas as classes trabalhadoras, resolveu efectuar um Conselho Federal que teve lugar no passado dia 8 de Novembro, para debater sobre a nossa situação. Esse conselho resolveu que se efectuasse o IV Congresso Rural para resolver definitivamente o caminho a seguir.

São palavras bem vibrantes, que bem demonstram a indiferença a que estão votados os verdadeiros réprobos que são os trabalhadores rurais, estas que acabamos de transcrever. A classe operária que as medite e que estenda aos escravos da campo a sua fraternal solidariedade.

E quanto ao IV Congresso Rural, faz a Batalha ardentíssimos votos porque seja coroado do maior êxito.

INAUGUROU-SE ONTEM

O Congresso Patronal

A lei das 8 horas é apreciada hostilmente

Atenção, muita atenção, operários!

O Congresso propõe-se criar a Federação das Associações Patronais

Iniciou ontem os seus trabalhos, que por pouco mais tempo se poderão prolongar, o Congresso das Associações Comerciais e Industriais do país. Segundo as notas da nossa reportagem, que a seguir damos à estampa, não se preocuparam os congressistas sensivelmente com a apreciação dos problemas que mais interessam à população, limitando-se quasi todos os oradores ao ataque cerrado à lei das 8 horas, a insinuações contra o movimento sindical e a questões de lana caprina. Nós julgamos que no Congresso que ontem se inaugurou, a preocupação dominante fosse o estabelecimento dum entendimento entre os comerciantes e industriais de todos os pontos da nação, a fim de se atenuar a grave carestia da vida, essa carestia da vida em que tem enormes responsabilidades essas mesmas classes. Não se fez isso. Muito pelo contrário, houve até um congressista que exigiu uma indemnização do governo aos comerciantes vítimas da justiça do povo quando dos assaltos de maio e de dezembro de 1917. Certamente que isto não deixará de causar uma desagradável impressão entre a opinião pública, pois não se compreende que se pretenda obrigar o Estado a retirar dinheiro do erário público para o entregar a uma classe que foi vítima de si mesma, porque se não fosse a especulação que exerceu com as escassas dos géneros de primeira necessidade, o povo não se veria obrigado a ir buscá-los, com risco da própria vida, aos armazéns e estabelecimentos dos pequenos e grandes comerciantes.

Além desse incidente, não menos irrita a espertesa sala em que comerciantes e industriais querem iludir a lei das 8 horas. Devido ao seu patriotismo e reconhecido espírito de sacrifício, estão dispostos a acatar a lei. Todavia, atendendo à inadivél necessidade de se aumentar a produção, a fim de se salvar uma pátria que encoarera os operários quando não os fusilava nas trincheiras e praças públicas, e de encher as burras desses argentinos, é seu desejo... que o governo altere a lei, de forma a poder-se trabalhar 24 horas extraordinárias por semana, ao preço do salário normal! Representa isto o regresso ao dia de 10 horas, ao regime de trabalho antigo, quando os industriais e comerciantes conseguiram esse desideratum com uma astúcia que nos dá uma ideia muito pouco lisonjeira da sua inteligência.

Má orientação está seguindo, pois, o Congresso Patronal. Em vez de procurar exercer uma acção conciliadora, de não irritar ainda mais os conflitos existentes com o operariado, agrava-os com a atitude seguida pela grande maioria de oradores, atitude de que se destoa um ou outro representante do capitalismo. Estão atraindo mais algumas achas para a enorme fogueira das reivindicações sociais e não terão mais tarde o direito de se queixarem dum recrudescimento de violência da luta de classe.

Notas da nossa reportagem

A inauguração do Congresso

Deliberaram as associações patronais realizar um congresso, onde se dispõem estudar os problemas que mais interessam a este momento. Esse congresso, iniciou ontem os seus trabalhos no Eden-Teatro, devendo os dar por findos hoje. No cumprimento da nossa missão jornalística, para lá nos dirigimos cerca do meio dia, hora marcada para a inauguração do acto. Sem embargo, este principiou um pouco mais tarde, vindo-se na platéia numerosos representantes do patronato. Predominam as criaturas de idade madura, por não, de quem desconhecemos os objectos da carestia da vida, e está em esmagadora maioria o democrático chapéu de côco. Há conversas animadas em todos os recantos da vasta sala de espectáculos, havendo interesse pelo congresso. Ao transformarmos o portal do conhecido teatro, coberto de reclamações apreçoando as excelências de produtos vários, entrava, correndo, um sujeito gordo, vestido de negro, a gravata bem alinhada. De chofre, perguntamos-lhe dum grupo de patrões:

—Então, por cá?

—É verdade, embora com sacrifício da minha vida. Mas por coisa alguma faltaria...

Existe pouco interesse. Um interesse real. Não admira. A classe patronal a despeito da sua tradicional pacatez, agita-se, está disposta a solidarizar-se, a unir-se—a fazer a Confederação Geral das burras. No ambiente morno, estridula uma campanha eléctrica; entre os congressistas há um estremincio de cabeças e os músculos faciais unanimesmente se contraem com ar severo e grave. O presidente, o sr. Pinheiro de Melo, um ancião, secretário dos srs. Alfredo Pinheiro e Apolário Pereira, faz o discurso inaugural, agradecendo com voz trémula a honra de que é alvo. Segundo ele, o fim do congresso não é cuidar somente dos interesses da classe patronal, mas ainda procurar conciliar todas as classes, para bem da pátria. Há aplausos entre a assembleia e o presidente prossegue:

Embora veladamente, ataca a redução da jornada de trabalho, porque diminui a produção—diz. Acha necessário que o comércio continue sendo honrado, expurgando do seu seio aqueles indivíduos de procedimento repreensível. Agradece a presença do presidente do ministério e a assembleia levanta-se, saudando o chefe do governo com uma salva de palmas. O sr. Sá Cardoso, debruçando-se do camarote, agradece gravemente. Depois, o sr. Pinheiro de Melo estende o seu agradecimento ao governador civil, também presente, faz mais algumas considerações, e dá o seu discurso por terminado, sendo muito aplaudido.

Um discurso do chefe do governo

O sr. Sá Cardoso é convidado a assumir a presidência de honra, e o sr. Prestes Salgueiro a secretariar, bem como o representante da Associação Comercial do Porto, sendo ovacionados com singular entusiasmo, havendo vivas e aclamações diversas.

As horas avançam e ainda não se entrou em trabalhos práticos. O sr. Sá Cardoso agradece a honra de que é alvo. Congratula-se por ter ocasião de vir à presença dum parte importante do país, diz o que o governo pensa. Portugal tem a felicidade de ter sido levado à guerra, em defesa do direito e da justiça. Disso resultaram benefícios morais e materiais. Agora que a guerra findou, o mundo inteiro sofre dum grave crise e Portugal a ela não pode fugir, apesar de não ser dos países que mais a sintam. Compete aos governantes e aos governados encararem o problema e procurar solucioná-lo.

Tem a convicção de que os graves problemas dum país só são solucionados quando essa união exista. A sua presença representa muito apreço e respeito não só pelo patronato como ainda pelo operariado.

E de absoluta necessidade que essas classes se procurem irmanar e unir, para resolver rapidamente o problema difícil da vida portuguesa. Se amanhã qualquer outra classe do país o convidar a ir às suas assembleias, nelas comparecerá. Quere apróximam-se de todos, de todos receber a colaboração. O país não pode continuar a esperar do Estado Providência tudo o que necessita. Deseja que do congresso saia alguma coisa de prático e de útil, não só para o patronato mas ainda para as classes trabalhadoras de todo o país.

Pelo sr. Sérgio Pinheiro, o antigo militante sindicalista revolucionário da classe ferroviária, agora comerciante na praça de Lisboa, é apresentada uma saudação aos poderes públicos, e outra à imprensa que, como é natural, recebe aplauso unânime.

O sr. Sá Cardoso retira-se e forma-se nova mesa. Parece—já é tempo!—que o congresso vai iniciar de facto os seus trabalhos. Doce ilusão! Entra o sr. Vasco Borges, representante do sr. Domingos Pereira, presidente da câmara dos deputados, e há mais palmas, agora mais brandas, pois o cansaço é evidente. Nas galerias e camarotes, há pouca gente, mesmo muito pouca gente.

Reclama-se uma indemnização para os comerciantes assaltados

Pede a palavra para uma questão prévia, com voz sibilante, o representante dos Vendedores a Retalho. Trata-se dos comerciantes vítimas dos assaltos do povo, por eles esmoeados. Quere o orador que o governo o indemize. A força pública não defendeu na altura dos assaltos os comerciantes, porque em grande parte os sancionou. Como fale durante mais de dez minutos, o presidente adverte-o e o orador apresenta uma moção em que se insiste na reclamação dum indemnização, sendo acolhida com uma salva de palmas, agora mais vibrante porque os congressistas já tiveram tempo de se refazer.

O congresso ataca a jornada das 8 horas—i Em guarda, trabalhadores!

Entra-se na discussão do horário de trabalho. Sobre ele há uma tese, acatada às 8 horas mas, há sempre um mas—com a condição de se poder trabalhar mais 24 horas por semana, ou seja duas horas diárias, ao preço das 8 horas, o que representa, nada mais nada menos, que o regresso aos tempos antigos—à fatigante e extensa jornada de 10 horas! Um dos relatores, o sr. Apolário Pereira, esguia figura de fraco negro, ataca vivamente a jornada curta de trabalho, dirigindo algumas estocadas aos militantes operários que aconselham os operários a reivindicar os seus direitos. O patrão não é explorador, está sempre disposto a negociar com os seus empregados—afirma com energia. O horário do trabalho ameaça os interesses do comércio e indústria; estes não podem perder a sua liberdade de acção. Ele, quando era caixeiro, trabalhava pelos interesses da sua classe, reclamou o encurtamento do horário que chegava a estender-se até à meia noite—não obstante o que, ele orador, apesar dos seus quarenta anos, não morreu nem foi vítima da tísica. O comércio não pôde fechar tão cedo, principalmente nos dias longos de ve-

ção. Fala durante longo tempo. Nervosamente, passeia dum lado para o outro, ataca as 8 horas, os que as acatam e defendem, os que as promulgarão. A medida que fala, o interesse da assembleia cresce e nos rostos acentua-se um tático apoio, um evidente e crescente apoio.

As 8 horas apaixonam no mais alto grau a assembleia, de momento a momento engrossada por congressistas retardatários, usando da palavra indivíduos vários, entre eles o representante dos fabricantes de conservas de Sental, que, ainda não satisfeito com as duas horas diárias sem qualquer retribuição extraordinária, estabelecidas na tese patronal, propõe que estas não tenham limite para as conservas, estendendo-se até ao infinito... Um outro congressista, o sr. Marques da Cunha, não está com medidas, apresentando uma moção condenando em absoluto as 8 horas e pedindo a maior liberdade de trabalho.

Outro congressista, parece que do Porto, também não tem hesitações—envia uma proposta para que se volte à lei antiga das 10 horas e que se estudem os meios eficazes para se alcançar esse desideratum. Os ataques às 8 horas chovem; o auditorio agita-se, na atmosfera pairam inúmeros aplausos, não nos restando dúvida de que ainda há abundante reserva de deles. O representante dos comerciantes portugueses recorda que foi resolvido aguardar as deliberações da conferência de Washington e faz ainda varias considerações sobre os inconvenientes que para os portos nacionais resultariam do facto de nos portos estrangeiros se trabalhar um maior numero de horas do que naquelas.

O sr. Custodio da Silva, um logista barbeiro que se diz socialista, tendo em tempos sido militado na respectiva classe, considera a lei das 8 horas vexatória, censurando a Associação Comercial por não ter combatido mais energeticamente o encurtamento da jornada do trabalho e por não ter efectuado a sua resolução de levar o comércio a não respeitar as determinações dos poderes públicos. Diz que Portugal não partilhara os louros da vitória na Conferência da Paz, mas sim dos espinhos, que são as 8 horas. O orador é aplaudido com frenesi, e a sua vozinha fina sobreleva-se estridentemente, vencendo o ruído das palmas. Ainda diz mais coisas, convida os congressistas a não cumprirem a lei, escabuja, ranço os dentes e, por fim, senta-se estafado, naturalmente muito convencido de que defendeu os princípios... socialistas!

Há um congressista, o sr. João Romera Filipe, que propõe que se obrigue a trabalhar aqueles que fazem as leis, para não se trabalhar, o que dá ocasião a ruidosa e geral hilaridade.

O delegado da Associação Comercial de Braga, declara com evidente satisfação que naquela cidade não se cumpre a lei em nenhum lado, o que—seja dito de passagem—nada abona em favor da consciência do operariado local. O orador combate a lei, não a pode acatir, custando-lhe, como indivíduo ordeiro, que haja uma determinação legal que não seja cumprida.

Entra-se na discussão da tese sobre o inquilinato comercial, em que se condena a ganancia dos senhores—vá lá, um ponto de contacto com osso—atribuindo-se a valorização dos prédios de determinadas arterias de Lisboa, não a qualquer melhoramento introduzido pelo proprietário, mas sim ao comércio. O relator, sr. Ribas de Avelar, defende o seu trabalho com energia, afirmando que os senhores não podem nem devem lucrar com a valorização das propriedades, uma vez que em nada contribuem para essa valorização. Vários congressistas manifestam-se sobre a tese não havendo discordâncias de maior.

Aconselha-se a sindicalização do patronato

O sr. Alfredo Augusto Ferreira faz a apologia da união do patronato, a fim de—diz—constituir-se uma força capaz de fazer face a outras forças. Se as classes operárias se sindicalizam, necessário é que se sindicalizem os patrões. Espera que os operários sindicados saiam criaturas criteriosas que junto do patronato estudem questões que a todos interessam. Tem sido devido à desorganização do patronato, que o parlamento, forçado a ceder perante a agitação e a desordem, tem promulgado medidas com que talvez não concordam muito.

Após o discurso deste congressista, entra-se na apreciação dum tese sobre a crise de transportes, do sr. Sérgio Pinheiro, pois as teses serão votadas conjuntamente no final dos trabalhos, e não cada uma de per si. Segundo esta tese, são necessárias a revisão das tarifas ferroviárias e a nacionalização dos caminhos de ferro. Há ainda outras reclamações de importância secundária sobre detalhes dos serviços de viação acelerada.

Alguns congressistas falam sobre a tese, insurgindo-se contra a irregularidade existente nesses serviços, recebendo de C. P., meia dúzia de fortes arrochadas.

A atmosfera é sonolenta e a sala está mergulhada como que numa penumbra, que as escassas lampadas eléctricas acen-

AS 8 HORAS DE TRABALHO

Empregados no Comércio

Realizou-se ontem a sessão magna na sede da Associação dos Caixeiros, que esteve bastante concorrida, tendo-se aprovado a representação a levar ao parlamento.

Hoje realiza-se nova sessão pelas 21 horas, na qual devem usar da palavra delegados da C. G. T., U. O. S. e autor da lei, o sr. Dias da Silva.

Operários Marceneiros

Ontem, a comissão de vigilância percorreu algumas oficinas, a fim de evitar o trabalho ao domingo, e hoje a mesma comissão fará a vigilância, evitando que algumas oficinas se façam horas suplementares.

Profissionais culinários

Esta classe continua em sessão permanente e encontra-se cada vez mais firme e unida, de forma a não abdicar das suas reivindicações e da regalia já concedida pela regulamentação do decreto das 8 horas de trabalho.

Desde ontem que, na T. d'Água de Flor, 20-2.º funciona a cozinha comunitária, para dela se utilizarem os mais necessitados desta classe, para o que deverão requisitar as respectivas senhas na sede desta associação.

Importantes ofertas têm já sido feitas para a manutenção dessa cozinha. A Associação de Classe dos Empregados de cafés, restaurantes e hotéis do Porto acaba de dar o seu apoio e protesta energicamente contra a atitude dos patrões.

EM GUIMARÃES

A U. O. S. de Lisboa e as 8 horas — «Demarcador» junto do administrador do concelho — Várias

GUIMARÃES, 21. — Como havia ficado resolvido efectuou-se ontem uma reunião dos delegados e directores dos sindicatos aderentes a esta União.

Entre outros assuntos o que provocou maior discussão foi o horário do trabalho.

A U. O. S. oficiou, por vezes, ao administrador do concelho e até ao governador civil do distrito de Braga, fazendo-lhes sentir a forma como se está desrespeitando o decreto 5.516.

As autoridades aludidas pouco ou nada se incomodaram com o caso, razão porque o horário aqui tem sido atropelado por toda a parte.

Em face desta brincaadeira a U. O. S. resolveu officinar de novo ao administrador do concelho, mas em nome das Associações Operárias desta cidade, pedindo-lhe para atender a comissão para tal fim nomeada, no domingo último, 16 do corrente, visto durante a semana não puderam dispor de tempo algum, pois que precisam cumprir os seus deveres para com os patrões.

Desta vez, esse funcionário dignou-se responder ao officio que recebeu, dizendo que se dispunha a receber a comissão no dia em que pedira, desde as 15 horas em diante. Chegada a hora, a comissão dirigiu-se a administração do concelho, onde lhe fez sentir a forma como se estava transgredindo o decreto 5.516, pedindo providências sobre o caso a fim de que se fizesse cumprir a lei integralmente.

O administrador declarou à comissão que a fiscalização do decreto compete às associações de classe, e que por isso tratasse de nomear os fiscais.

Esta lembrou a conveniência de se publicar editais, chamando o povo ao cumprimento da lei, ao que o administrador a princípio procurou esquivar-se, mas depois prometera satisfazer dizendo mais que escreveria ao inspector do trabalho apesar de não o conhecer nem saber onde reside, como disse, fazendo-lhe perguntas sobre o assunto, a fim de melhor se informar, e que em seguida à resposta ordenaria a publicação dos editais.

Ora é curioso que o administrador não conheça o inspector do trabalho no norte, pois que, segundo consta, a referida entidade viera a esta cidade para conferenciar com ele, constando ainda mais que essa conferência se efectuara em casa particular, para não chegar ao conhecimento dos interessados. Não admira que tal se desse, pois que a autoridade administrativa deste concelho só tem dados das provas de que se acha de mãos dadas com os mandarinis da terra.

Ora, quer seja certo o que se disse quer não seja, o que é certo é que até à data ainda a autoridade não deu atenção a este caso.

A U. O. S., na sua reunião de ontem, resolveu chamar a atenção dos sindicatos seus aderentes, para a nomeação dos fiscais, a fim de participar ao inspector do trabalho no norte que já se havia nomeado e quem eles são, a fim de que se comece a dar cumprimento rigoroso ao decreto em vigor.

Também resolveu que todos estes sindicatos telegrafassem ao ministro do trabalho pedindo providências sobre as infracções à lei das 8 horas, visto neste concelho não se cumprir. Foram em numero de 10 os sindicatos que resolveram telegrafar ao dito ministro.

A U. O. S. declarou que está cumprida a sua missão com referência ao horário de trabalho, pois que fizera tudo quanto estava ao seu alcance; cumpre agora aos sindicatos velar pela sua execução.

Igualmente fez sentir a necessidade de não em preparar o povo para o comércio público que a C. G. T. pensa em promover em todas as localidades do país, em dia designado, para o que pede às direcções presentes para que na primeira assembleia geral a realizem procurem reanimar o povo, para nesse dia memorável se fazer a grande parada de forças operárias.

Falou-se também sobre a cooperativa de consumo que havia sido projectada por esta União, lembrando-se mais uma vez a extrema necessidade em levar a efeito essa obra importante, ficando resolvido elaborar os estatutos, a fim de se lançarem as bases para a sua fundação.

Falou-se da criação de um cofre de resistência, cujo cofre tem por fim socorrer os seus associados em casos de questões sociais, resolvendo-se elaborar também o estatuto.

Mais se falou em organizar uma biblioteca, na sede da União dos Sindicatos, como propriedade sua com o fim de chamar a atenção do operariado

deste concelho àquela casa e para lhe servir de instrução o que ficou aprovado, procurando todos os meios para a conseguir.

Esta União está tratando do funcionamento do tribunal de Arbitros Avindores, para o que officiou à câmara municipal deste concelho, a qual resolveu tratar da sua organização, a fim de que possa funcionar o mais breve possível.

Os sindicatos vão nomear os seus delegados para este fim. Na vizinha vila de Fafe a associação dos trabalhadores tem empregado todos os esforços para que o decreto 5516 seja executado fielmente.

A comissão de vigilância tem evitado em diversas partes que a lei seja ultrajada.

Como esta comissão interviesse numas obras dum tal sr. Ezequiel da Silva e Castro, procurando por meios delicados que os operários ao seu serviço abandonassem o trabalho à hora regulamentar, aquele selvagem dirigiu-se à referida comissão em atitude agressiva, pelo que as camaradas que nela faziam parte mostraram que não temiam tais ameaças. Como alguém aconselhasse a comissão a retirar para evitar alteração da ordem, aquele furioso persistiu de que que as suas ameaças assustaram os referidos camaradas vendo que eles se retiravam, avançou sobre eles com toda a sua cólera, mas retirando logo que viu os casos mal parados. Que se lembre sempre ignorante que os operários que lhe julga inofensivos e cobardes ainda tem força para resistir à sua cólera; Se se retirarem foi para evitar descalços. — C.

Os referidos operários resolveram officiar a F. N. C. C., a fim de que esta vá junto da repartição de minas reclamar um fiscal para aquela área, senão, dentro em pouco, teremos a registrar mais desastres determinados pelas péssimas condições em que se exercido o trabalho naquella zona em muitas obras.

Condutores de Carroças. — Esta associação tem conhecimento que os examinadores de condutores de carroças não cumprem fielmente as ordens dimanadas do respectivo chefe da repartição de matrículas, principalmente na parte que respeita à reprovação dos candidatos que concorrem a segundo exame sem nova guia.

Assim, para a matrícula dos examinandos, há um carimbo que inutiliza a respectiva guia, quando o candidato é reprovado, obrigando-o a tirar outra guia para novo exame.

Como isso representa um absurdo, esta associação resolveu protestar contra semelhante procedimento, que não só representa um prejuízo para os interessados como para a Câmara Municipal.

Mais resolveu dar conhecimento directo do facto ao chefe da repartição de Matrículas.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Considerando-se este sindicato em sessão permanente desde o dia 18 do corrente, devido ao despedimento da tripulação do vapor Viana, por esta exigir a presença do seu delegado perante o contrato, como determina a lei, foi deliberado na sessão realizada ontem, pelas 15 horas, nomearem-se comissões de melhoramentos para tratarem do assunto em questão, devendo amanhã avistar-se uma dessas comissões com o capitão do porto, para ver qual a sua opinião sobre o assunto, visto o pessoal estar na disposição de abandonar os navios, caso não vão os mesmos tripulantes para bordo do Viana. Achem-se unicamente nestes dois amarelos, e dois operários que foram debaixo de prisão, quando se dirigiam à capitania para satisfazer os seus pagamentos. Por essa razão está o navio detido há três dias, sem sair do Tejo, com carregamento para Liverpool.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa. — Realiza-se hoje, às 20.30, a reunião de delegados, para continuação dos trabalhos suspensos em 21, à 1.30. Devido à importância dos trabalhos, roga-se aos delegados representantes dos sindicatos dos Caixeiros de Lisboa, Manipuladores de Pão, Rurais de Lisboa, Estuadores e Decoradores, Marinheiros e Moços, Canteiros e Polidores de Mármore, Operários Chapeleiros, Marceneiros, Litógrafos do Sul, Trabalhadores de Impressão, Operários da Indústria Carruageira, Pintores da Construção Naval, Pessoal Extraordinário dos Tabacos, Hospitais Civis, Condutores de Carroças, Empregados de Escritório, Casa da Moeda, Esterilizadores e Anexos, Bagueteiros, Moldureiros e Vidreiros, Depósito de Fardamentos, Tecelões de Seda, Manutenção Militar, Refinadores de Açúcar, Oficinas da Indústria, Mecânicos em Açúcar, Cortadores de Sola e Cabedais, Torneiros em Madeira, Operários Cesteiros, Agências Funerárias, Músicos Portugueses de Lisboa, Tanoeiros de Lisboa, para comparecerem hoje, à mesma hora, bem assim como os delegados dos sindicatos que ainda não entraram com os dois escudos para custear as despesas com o movimento do inquilinato e próximas horas, que o façam prontamente, para não se demorar o expediente e não ficarem com a responsabilidade moral.

Federação da Construção Civil. — Comissão Inter-Sindical — Refine hoje a assembleia de delegados, pelas 20 horas, para a continuação dos trabalhos pendentes da última reunião. Às 9.30 deve reunir na sede a comissão permanente para assuntos urgentes.

Cabouqueiros e fabricantes de cal. — A assembleia geral reúne amanhã às 20 horas.

Pedreiros. — Reúnem hoje, em assembleia geral, às 20 horas, para tratar de assuntos de interesse para a organização. Pede-se a todos os sindicatos que tragam as suas cadernetas.

“Era Nova,”

Este nosso prezado colega, pede-nos a publicação da seguinte notícia:

Convidam-se todos os camaradas que fazem parte da Redacção e Administração deste jornal, a comparecerem hoje, sem falta, na sede do mesmo, pelas 20 horas.

Trabalhadores. Lede e propaga a BATALHA.

Arrombamento e furto

Ao guarda 1185 foi comunicado por Henri Soares, largo do Cabeço de Bolo, 18, 5.º, de que a porta do lado esquerdo do mesmo andar se encontrava arrombada, estando o respectivo inquilino, Manuel da Silva, ausente de Lisboa. A inquilina do 2.º andar, Maria dos Anjos Quintas, disse que o mesmo guarda que pelas 14 horas sentou no andar superior vindo depois sair dois rapazes, conduzindo um saco às costas e uma cadeira. A casa ficou guardada pela polícia.

Assalto frustrado

O 2.º sargento João Baptista Viegas prendeu, no largo do Brio, à rua da Fraternidade Operária, por terem sido surpreendidos pelo soldado 1092, da 8.ª companhia de infantaria 1, quando estavam assaltando a caixa de material de guerra, em êxito de Prata.

THEATRO SÃO LUIZ
HOJE — A celebre revista
O PÉ DE MEIA
ampliada com o novo acto intitulado
O RÓCIO
Nova fase, nova nova
Encenação — P. de Meia
Se a outra deu boa prova,
Esta mostrou deste a estreia
Que o novo também a aprova,
Pois é sempre casa cheia.
O mais alegre, deslumbrante e instructivo espectáculo para o povo

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Secção da Construção Civil do Alto do Pina. — Os operários cabouqueiros que estão organizados nesta secção declaram ser falsa a notícia vinda do Seculo de 20, acerca do desastre do di. 18, sucedido na pedreira do sr. João Ribeiro. Diz O Seculo que Joaquim Fernandes é o industrial, o que é falso. O desastre também não se deu por culpa dos operários, mas sim por causa da barreira pela parte de baixo, o que motivou os desastres. Isto dá-se com quasi todos os industriais.

Mais declaram, os mesmos camaradas, que dando-se o desastre no dia 18, pelas 16 horas, logo às 8 do dia 19 foram trabalhar, mandando-os pôr de rampa o terreno que estava escavado, e que vitimou o nosso camarada António Diogo, para assim iludir o fiscal ou qualquer autoridade que fosse inquirir das causas do desastre.

Os referidos operários resolveram officiar a F. N. C. C., a fim de que esta vá junto da repartição de minas reclamar um fiscal para aquela área, senão, dentro em pouco, teremos a registrar mais desastres determinados pelas péssimas condições em que se exercido o trabalho naquella zona em muitas obras.

Condutores de Carroças. — Esta associação tem conhecimento que os examinadores de condutores de carroças não cumprem fielmente as ordens dimanadas do respectivo chefe da repartição de matrículas, principalmente na parte que respeita à reprovação dos candidatos que concorrem a segundo exame sem nova guia.

Assim, para a matrícula dos examinandos, há um carimbo que inutiliza a respectiva guia, quando o candidato é reprovado, obrigando-o a tirar outra guia para novo exame.

Como isso representa um absurdo, esta associação resolveu protestar contra semelhante procedimento, que não só representa um prejuízo para os interessados como para a Câmara Municipal.

Mais resolveu dar conhecimento directo do facto ao chefe da repartição de Matrículas.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Considerando-se este sindicato em sessão permanente desde o dia 18 do corrente, devido ao despedimento da tripulação do vapor Viana, por esta exigir a presença do seu delegado perante o contrato, como determina a lei, foi deliberado na sessão realizada ontem, pelas 15 horas, nomearem-se comissões de melhoramentos para tratarem do assunto em questão, devendo amanhã avistar-se uma dessas comissões com o capitão do porto, para ver qual a sua opinião sobre o assunto, visto o pessoal estar na disposição de abandonar os navios, caso não vão os mesmos tripulantes para bordo do Viana. Achem-se unicamente nestes dois amarelos, e dois operários que foram debaixo de prisão, quando se dirigiam à capitania para satisfazer os seus pagamentos. Por essa razão está o navio detido há três dias, sem sair do Tejo, com carregamento para Liverpool.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa. — Realiza-se hoje, às 20.30, a reunião de delegados, para continuação dos trabalhos suspensos em 21, à 1.30. Devido à importância dos trabalhos, roga-se aos delegados representantes dos sindicatos dos Caixeiros de Lisboa, Manipuladores de Pão, Rurais de Lisboa, Estuadores e Decoradores, Marinheiros e Moços, Canteiros e Polidores de Mármore, Operários Chapeleiros, Marceneiros, Litógrafos do Sul, Trabalhadores de Impressão, Operários da Indústria Carruageira, Pintores da Construção Naval, Pessoal Extraordinário dos Tabacos, Hospitais Civis, Condutores de Carroças, Empregados de Escritório, Casa da Moeda, Esterilizadores e Anexos, Bagueteiros, Moldureiros e Vidreiros, Depósito de Fardamentos, Tecelões de Seda, Manutenção Militar, Refinadores de Açúcar, Oficinas da Indústria, Mecânicos em Açúcar, Cortadores de Sola e Cabedais, Torneiros em Madeira, Operários Cesteiros, Agências Funerárias, Músicos Portugueses de Lisboa, Tanoeiros de Lisboa, para comparecerem hoje, à mesma hora, bem assim como os delegados dos sindicatos que ainda não entraram com os dois escudos para custear as despesas com o movimento do inquilinato e próximas horas, que o façam prontamente, para não se demorar o expediente e não ficarem com a responsabilidade moral.

Federação da Construção Civil. — Comissão Inter-Sindical — Refine hoje a assembleia de delegados, pelas 20 horas, para a continuação dos trabalhos pendentes da última reunião. Às 9.30 deve reunir na sede a comissão permanente para assuntos urgentes.

Cabouqueiros e fabricantes de cal. — A assembleia geral reúne amanhã às 20 horas.

Pedreiros. — Reúnem hoje, em assembleia geral, às 20 horas, para tratar de assuntos de interesse para a organização. Pede-se a todos os sindicatos que tragam as suas cadernetas.

“Era Nova,”

Este nosso prezado colega, pede-nos a publicação da seguinte notícia:

Convidam-se todos os camaradas que fazem parte da Redacção e Administração deste jornal, a comparecerem hoje, sem falta, na sede do mesmo, pelas 20 horas.

Trabalhadores. Lede e propaga a BATALHA.

Ferroviários do sul e Sueste

A comemoração do V aniversário do seu sindicato : : : : : dicato : : : : :

Para comemorar o seu 5.º aniversário, o Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste realizou ontem, no teatro Cine-Barcelense, uma sessão solene, presidida pelo camarada António José Piloto, do Sul e Sueste, e secretariada pelos camaradas Marcelo de Carvalho, da C. P., e Artur Lopes, do Minho e Douro.

Aberta a sessão, pelas 13 horas, e depois de uma breve exposição pelo camarada Piloto, é dada a palavra ao dr. Sobral de Campos, que, num brilhante discurso, expõe quanto vale a organização operária, quanto é grandioso o seu esforço; compara as diferentes artes; diz defender o operário, por ele ter tido o seu esforço, merecendo o prêmio do seu esforço. O orador sente-se bem entre os ferroviários do Sul e Sueste, por ser uma classe ordeira e altamente instruída, que sabe reclamar dentro dos princípios da ordem e da justiça.

Miguel Correia diz que os operários do Sul e Sueste trabalham pela emancipação e erguem a sua bandeira, símbolo do balaarte dos ferroviários. Esta festa é a página mais brilhante da história do Sul e Sueste, terminando por elevar o nome de Higinio Martins, das oficinas, hoje demitido, a quem se deve uma parte do trabalho gigantesco produzido pelo Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste.

Marcelo de Carvalho saúda, em nome dos ferroviários da C. P., os seus irmãos da outra margem do Tejo; a alegria que os da C. P. sentem, é igual à que sentem os do Sul e Sueste. Nada se pode esperar dos políticos, mas sim da nossa organização. Fala do próximo Congresso Ferroviário, em que todos os interessados, unidos, constituirão a Federação Ferroviária, para depois ingressarem na central da organização operária, a C. G. T. Termina por erguer um viva à classe em festa.

Duarte Lopes lê um discurso cheio de fé, vibrante de entusiasmo por tudo quanto vê. Ele saberá dizer ao Minho e Douro o espírito que anima o pessoal do Sul e Sueste. António Vaz, pela delegação de Faro, não podia por forma alguma faltar a uma festa tão cheia de alegria, e acrescenta que a bandeira que vai ser inaugurada é o símbolo que todos devem amar. Marcelino da Costa, pela delegação de Casa Branca, afirma que esta assembléa é o esforço do trabalhador dedicado.

J. Freitas põe em foco a sublimidade do princípio associativo.

J. Antunes saúda todos os seus camaradas e pronuncia algumas palavras alusivas à festa.

O camarada presidente agradece a comparencia do dr. Sobral de Campos e dos delegados das associações e sindicatos representados, e a Alvaro de Miranda a gentil cedência do teatro para se efectuar aquela sessão.

Abriaram-se a festa duas bandas de música, que executaram vários trechos dos seus repertórios.

No final da sessão, todos os oradores foram ovacionados, especialmente o dr. Sobral de Campos e o jornal A Batalha.

Em seguida a assistência dirigiu-se à sede da Associação, a fim de ser hasteada a nova bandeira.

A bandeira, com o desenho da máquina 82, foi içada pelo maquinista da mesma, camarada Celestino Baptista, a quem todos os seus camaradas prestaram as homenagens devidas ao seu devotado amor à causa proletária.

Na rua, notava-se grande aparato de guarda republicana, como a que desfilava. Não foi consentido que se tocassem a Internacional, executando, então, as bandas o himno da Batalha.

Mais tarde, um sargento da guarda republicana, falando, talvez, pelo cavalo que montava, dizia, todo anco, que a Internacional era a mesma coisa que o himno da Carta!

Perseguições governamentais

Comissão pró-préso por questões sociais

Reunindo esta comissão, apreciou a situação dos camaradas que ainda se encontram a ferros da Republiça.

Tomou conhecimento dos trabalhos dos camaradas delegados que foram ao Limoeiro e Forte de Monsanto, e aos quais esta comissão resolveu entregar as seguintes quantias:

Rail Firme dos Santos, 3500; Artur Pinto Alonso, 3500; Armando Gonçalves, 3500; Miguel Silva Ribas, 3500; Augusto Luis, 3500; Grupo C.; José da Silva e Alfredo de Carvalho, 6500; Eugénio Soares, 3500; Arsénio José Filipe, Américo Vilar, João Maria Major, Joaquim Gonçalves e Amaro Pereira, 15500.

Também teve conhecimento da prisão dos camaradas Manuel Alves, cantoneiro, preso no Chiado por ser portador da Bandeira Vermelha, e Alfredo José de Castro, fogueiro de mar e terra, acusado de fazer propaganda bolchevista.

Receberam-se as seguintes quantias em favor dos presos por questões sociais:

Manuel João Pedreira, 2550; João da Silva Mestre, 1500; José Porteiro, 1500; António Alfredo, 550; António Camacho, 1500; e José Joaquim Amores 750.

Viu junto de esta comissão a família um camarada jovem sindicalista para tratar da situação dele.

Reúne esta comissão hoje, pelas 21 horas.

O “Jeanne d’Arc”

Entrou ontem no Tejo este barco de guerra, francês

Entrou ontem no Tejo, pelas 10.30, procedente de Brest, o cruzador francês Jeanne d’Arc, que anda em viagem de instrução de aspirantes a oficiais.

Traz 562 homens de tripulação. Ao entrar a barra, salvou à terra com 21 tiros, respondendo-lhe os nossos navios de guerra. Fundou em frente ao cais do Sodré, tendo ido a bordo, entre várias personalidades, o sr. Daeschner, ministro da França em Lisboa.

ULTIMAS NOTÍCIAS

A GUERRA VERMELHA

Os imperialistas russos confessam a sua inferioridade bélica — As tropas anti-bolchevistas refugiam-se na Estónia

LONDRES, 22. — O ministro da Guerra publicou um comunicado do exército russo do noroeste, com data de 16 do corrente, anunciando que a pressão bolchevista continua a linha de batalha sul. Algumas unidades do exército russo anti-bolchevista foram substituídas por tropas estonianas. O inimigo da guerra publica uma grande actividade no contro e no norte.

O governo estoniano deu autorização para a passagem das tropas e ambulâncias anti-bolchevistas através do território estoniano, na margem esquerda do rio Narovia. — Rádio.

O “torpedeamento” do tratado de paz

Wilson disposto a aceitar as reservas da maioria do senado ao tratado de Versalhes?

PARIS, 21. — Telegrafam de New York:

“A notícia sensacional da tarde é a de que o Presidente Wilson estaria disposto a aceitar em bloco o programa de reservas da maioria se o preâmbulo for eliminado e se se suavizar ligeiramente na forma e reserva ao artigo 10.º. Essa notícia é mais um boato, porém tomaram-na em consideração numerosos senadores republicanos moderados, que iniciaram imediatamente uma série de conferências para chegar a um acordo.

O correspondente do “New York Times” diz que o senador Lodge classifica de ridícula toda a ideia de acordo, porém o correspondente do “New York Tribune”, órgão puramente republicano, assegura que Lodge está disposto a eliminar o preâmbulo.

Por sua parte, a Liga para Impar a Paz, cujo presidente é o sr. Tait, exerce toda a sua influência para persuadir os republicanos de que neste assunto é indispensável encontrar os democratas a meio caminho.

O Senado rejeitou as reservas formuladas pelos senadores Saelers e Read. A reserva Read estipulava que as questões respeitantes à honra e aos interesses vitais dos Estados Unidos eram da competência do Conselho da Sociedade das Nações. — Rádio.

NA TURQUIA

E’ grave a situação

estando-se na eminência dum golpe de Estado

ATENAS, 22. — Comunicam de Constantinopla que a situação interna da Turquia é muito grave. A polícia descobriu uma nova conspiração para derubar, por meio dum golpe de Estado, o Sulão e proclamar Mehmed Selim soberano supremo dos turcos.

O conflito entre o Sulão e os jovens-turcos chegou a um ponto culminante. Ao novo presidente do conselho, Riza-Bajá acusam-no de favorecer a agitação do comité União e Progresso.

Djennal-Pacha, cujo exército permanece cerca de Constantinopla, exige a abdicação do Sulão, e tornou público, nos jornais que lhe são afectos, que o exército nacional não assinará uma Paz como a que se projecta.

A situação é tão grave que, agora, já não sairão as tropas, nem partirão os barcos da “Entente”. — Rádio.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Vítima por uma lesão, de que tinha padecido há longo tempo, faleceu ontem José Miguel Machado, empregado dos escritórios da companhia do Gaz. Contava 45 anos de idade. O seu funeral realizou-se hoje, pelas 15 horas, no cemitério da Calçada de S. Vicente n.º 45-1.º, para o cemitério Oriental.

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Manuel da Silva, às 15, da travessa da Cova de Moura 57, d. Maria Julia de Sousa Lima, às 14, da rua Renato Baptista 31, d. Gertrudes de Jesus Medeiros, às 15, da rua do Jardim do Regedor 37, d. Maria Adelaide Braga Rica, às 15, da rua Tomaz Laborde, às 10, da estrada da Luz 37, d. António Dias, às 14.30, da rua da Palma 115, d. Margarida Rosa Branca, às 15, do largo do Intendente, 92.

A sessão nos Empregados da Carris de Ferro

Francisco Direitinho, em virtude da interpretação dada por alguns oradores às suas palavras, apresentou a seguinte declaração na sessão dos Empregados da Carris de Ferro de anteontem:

Tendo em consideração a má interpretação que julgo ter sido dada às afirmações que produzi, julgo de mim dever declarar: 1.º Que, por qualquer princípio, poderia conceber, em si, a constituição, a demorralização da massa proletária;

2.º Que as afirmações produzidas tendem, não a obrigar o operariado a radicalizar, mas a desorientar, a contrair e, facto, a dar uma melhor coesão às suas forças;

3.º Que o declarante, ontem como hoje, conceber, em si, e sempre estará no primeiro plano para coordenar os protestos traduzidos pela massa, em todas as suas manifestações, e

4.º Que não pode, sob princípio algum, conceber-se como propaganda dissolvente, aquela que tende a uma melhor coesão e coordenação das ideias, trabalhos e esforços da massa proletária, para que utilize-se possam converter em benefício comum.

Factos diversos

O vereador dr. sr. Dagoberto Guedes que, em virtude do serviço militar, não tem podido ultimamente acompanhar com assiduidade os trabalhos da Câmara Municipal, requereu a Auditoria Administrativa para ser afastado da edilidade por causa de estar em serviço activo do exército.

Os aliados e a Rússia

LONDRES, 22. — Ainda não está fixada a data para a reunião da conferência das potências aliadas e associadas, que se deve ocupar da situação da Rússia. — H.

A extradição de Béla-Kun

O governo húngaro dirige um “ultimatum” à Áustria exigindo-lhe a entrega desse caudillesco extremista

BUDAPEST, 22. — O governo húngaro, firmemente disposto a obter a extradição de Béla-Kun e dos seus cúmplices, apresentou um ultimatum muito enérgico que será enviado à Áustria, e tomou as medidas necessárias para o caso duma negativa.

Neste último caso, a Hungaria declararia a guerra à Áustria, e o exército húngaro empreenderia a marcha sobre Viena. Espera-se que o ultimatum obrigue o governo de Viena a pronunciar-se francamente a favor ou contra o bolchevismo. — Rádio.

No Egito

Novos tumultos contra os ingleses

CAIRO, 23. — Reproduziram-se, nos jornais de Alexandria, em consequência dos quais houve dois mortos e numerosos feridos. Os jornais “Al-Ahram” e “Maroussi” foram suspensos por protestarem contra a atitude da polícia. O general Allenby chamou o presidente e vice-presidente e secretário da comissão local da delegação egípcia e ordenou-lhes que se retirassem para as suas respectivas residências fora da cidade, dizendo-lhes que os considerava como responsáveis dos acontecimentos.

O Governador apresentou a demissão. Foram presos, por ordem das autoridades militares, os chefes do movimento nacionalista Mahmyd-Soliman-Pacha e Ibrahim-Said-Pacha.

Em virtude dos acontecimentos destes dias foi proclamado o estado de sítio. — Rádio.